MEMÓRIA E SUBJETIVIDADE NA DOENÇA DE ALZHEIMER: UMA LEITURA A PARTIR DA PSICOLOGIA HISTÓRICO-CULTURAL

Isabella Heloise Santos Ferreira (PIBIC/CNPq/FA/UEM), Alvaro Marcel Palomo Alves (Orientador). E-mail: ampalves@uem.br

Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Maringá, PR.

Área e subárea do conhecimento: Ciências Humanas/Psicologia.

Palavras-chave: Funções psicológicas superiores; Psicologia histórico-cultural; Demência.

RESUMO

Este estudo teve como objetivo a realização de uma revisão bibliográfica de artigos, livros, dissertações e teses sobre memória, subjetividade, envelhecimento e Doença de Alzheimer, com base em referenciais da Psicologia Histórico-Cultural. Os resultados indicaram que a memória constitui uma Função Psicológica Superior relacionada à linguagem, ao pensamento, aos afetos e à história de vida do sujeito. Evidenciou-se que, embora a Doença de Alzheimer provoque prejuízos cognitivos e comprometa a capacidade de evocação e organização das informações, os vínculos afetivos, a história de vida e as relações sociais permanecem cruciais para a constituição da subjetividade. Ademais, a discussão expressou os impactos do adoecimento sobre os familiares e a importância da atuação da psicologia no acolhimento e na mediação das relações entre o idoso, a família e as instituições de cuidado. Conclui-se que a perspectiva Histórico-Cultural possibilita compreender o sujeito com Alzheimer para além das limitações cognitivas, valorizando sua história, identidade e subjetividade.

INTRODUÇÃO

O envelhecimento humano é um fenômeno multifacetado, progressivo e complexo que não pode ser compreendido plenamente sem considerar os contextos sociais e históricos em que ocorre. A partir do momento em que queixas de memória se tornam mais frequentes e começam a afetar a capacidade de realizar tarefas do cotidiano, é de extrema importância investigar a causa implícita. De acordo com o Ministério da Saúde, a Doença de Alzheimer (DA) é um transtorno neurodegenerativo progressivo e fatal que se manifesta pela deterioração cognitiva e da memória, comprometimento progressivo de atividades do cotidiano e diversos sintomas neuropsiquiátricos. Embora os estudos biomédicos sejam predominantes na compreensão dessa doença, a Psicologia Histórico-Cultural, desenvolvida por

Vygotsky e aprofundada por autores como Luria e Leontiev, oferece uma base teórica potente para entender o impacto da DA não apenas no cérebro, mas na subjetividade, nas relações sociais e na identidade dos indivíduos. A Doença de Alzheimer compromete as funções psicológicas superiores como a memória, a atenção, a linguagem e a capacidade de julgamento. A perspectiva de Luria (1979) auxilia no compreendimento de que não é apenas uma perda isolada de lembranças, mas uma desintegração progressiva da própria capacidade de aprender, experienciar e se relacionar com o mundo e consigo mesmo. Mesmo diante da perda da linguagem ou da memória recente, o sujeito com Alzheimer continua a fazer parte de um universo de relações e significados, pois carrega consigo uma história vivida que o constitui como ser humano.

Nessa condição demencial, o sujeito altera toda a dinâmica familiar, com impactos de ordem objetiva (dificuldade financeira, reorganização familiar, rotina) e de ordem subjetiva (sentimentos de sobrecarga, ressentimento, culpa, exclusão, entre outros, que afetam diretamente o bem-estar dos familiares. A partir do olhar histórico-cultural, permite-se uma reflexão sobre o lugar social do idoso com Alzheimer, não como alguém 'descartável', mas como sujeito que continua se desenvolvendo e produzindo sentidos, mesmo em meio às limitações. Dessa forma, esse estudo se propõe a ir além da perspectiva biomédica tradicional da Doença de Alzheimer, realizando uma revisão teórica que oferece subsídios para o desenvolvimento de práticas de cuidado mais atentas à subjetividade, à história de vida e ao papel das mediações sociais no manejo da demência.

REVISÃO DE LITERATURA

A presente pesquisa caracteriza-se como uma revisão bibliográfica com o objetivo de investigar a Doença de Alzheimer pelo viés da Psicologia Histórico-Cultural. Foram utilizados artigos, livros, dissertações e teses publicadas em bases de dados eletrônicas, nomeadamente o SciELO (Scientific Electronic Library Online), Google Acadêmico, Pepsic (Periódicos de Psicologia), bem como de livros e revistas especializadas nas áreas de gerontologia, neuropsicologia, psicologia histórico-cultural e psicologia social, que se mostraram relevantes para a temática em questão. Entre os principais autores que fundamentaram o trabalho, destacam-se Lev Vygotsky, Alexander Luria e Alexei Leontiev, cujas contribuições foram centrais para a compreensão da memória, da subjetividade e do desenvolvimento humano na perspectiva histórico-cultural. Excluíram-se trabalhos focados exclusivamente em uma perspectiva biomédica.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise articulada das obras estudadas evidencia uma convergência teórica central: a memória não pode ser compreendida como uma faculdade biológica isolada ou um mero repositório mecânico de informações, mas sim como uma

Função Psicológica Superior (FPS) profundamente integrada a um sistema psicológico complexo (VYGOTSKY, 1991). Nessa perspectiva, o desenvolvimento e a operação da memória dependem intrinsecamente da linguagem. É a mediação semiótica que constitui o campo semântico necessário para conectar a memória ao pensamento e às emoções, articulando os processos cognitivos à formação da personalidade e da identidade do sujeito. Quando a Doença de Alzheimer se manifesta, a desorganização dos sistemas funcionais afeta a capacidade de recodificação voluntária e de abstração, mas não anula a historicidade do indivíduo. Embora a memória operacional recente e a linguagem conceitual sofram forte declínio, o conteúdo sensível e o sentido pessoal permanecem como vias de mediação (ALMEIDA, 2008). O idoso com DA continua reagindo às cargas afetivas e aos vínculos construídos em sua trajetória, demonstrando que a dimensão emocional sustenta a sua subjetividade.

Dessa forma, a síntese dos estudos analisados aponta que o sofrimento na Doença de Alzheimer ultrapassa a dimensão neurológica, alcançando as relações sociais e o núcleo familiar. Nesse cenário, a atuação do psicólogo visa atuar como mediador entre o idoso, a família e a instituição, promovendo acolhimento e estratégias que valorizem a história de vida do paciente (ANDRADE et al., 2022). Em suma, desconstruir a visão biologizante da demência permite reconhecer que, enquanto houver mediação cultural e afeto, a identidade do sujeito permanece preservada e respaldada socialmente.

CONCLUSÕES

A análise sintetizada das obras estudadas à luz da Psicologia Histórico-Cultural permite concluir que a memória é uma Função Psicológica Superior intrinsecamente articulada à linguagem, ao pensamento e aos afetos na constituição da identidade. Na Doença de Alzheimer, embora a neurodegeneração comprometa a mediação semiótica e o campo semântico verbal, a dimensão emocional e o sentido pessoal permanecem como vias de preservação do psiquismo. Ademais, conclui-se que o cuidado psicológico deve atuar no acolhimento do idoso e de sua família, utilizando a mediação social e os vínculos afetivos como suportes indispensáveis para sustentar a dignidade, a subjetividade e a história do sujeito ao longo do processo demencial.

AGRADECIMENTOS

O presente trabalho foi realizado com o apoio do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), vinculado à Universidade Estadual de Maringá (UEM) e financiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Agradeço às instituições fomentadoras pelo incentivo financeiro, suporte e viabilização desta pesquisa acadêmica.

REFERÊNCIAS

AITA, Elis Bertozzi; FACCI, Marilda Gonçalves Dias. Subjetividade: uma análise pautada na Psicologia histórico-cultural. **Psicol. rev**. (Belo Horizonte), Belo Horizonte, v. 17, n. 1, p. 32-47, abr. 2011. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S16771168201100010 0005&lng=pt&nrm=iso. acesso em: 12 mar. 2026.

ALMEIDA, S. H. V. de. **Análise teórico-histórica das produções de Leontiev e Vigotski acerca do desenvolvimento da memória**. Cadernos CEDES, Campinas, v. 40, n. 111, p. 146-155, maio/ago. 2020. Disponível em: https://doi.org/10.1590/1678-4626.v40i111.226192. Acesso em: 06 mar. 2026.

ALMEIDA, S. H. V. de. **Psicologia histórico-cultural da memória.** 2008. 277 f. Tese (Doutorado em Educação: Psicologia da Educação) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008.

DRUMOND DE ANDRADE, R.; VIEIRA DE ALBUQUERQUE, M.; BARROSO RIBEIRO, C.. Envelhecimento e Doença de Alzheimer: contribuições da Psicologia. **Pretextos** – Revista da Graduação em Psicologia da PUC Minas, Belo Horizonte, v. 7, n. 13, p. 162-176, 2023. Disponível em: https://periodicos.pucminas.br/pretextos/article/view/25953. Acesso em: 11 mar. 2026.

SMOLKA, A. L. B. A memória em questão: uma perspectiva histórico-cultural. ***Educação & Sociedade***, Campinas, v. 21, n. 71, p. 166–193, jul. 2000. Disponível em: https://doi.org/10.1590/S0101-73302000000200008.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente:** o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. Organização: Cole, M. et al. São Paulo: Martins Fontes, 1991.